

Um Olhar Empírico sobre a Identidade Dialógica: Um Estudo sobre a Conjugalidade

Catarina Rosa¹ & Miguel Gonçalves²

De acordo com a teoria dialógica, a identidade é constituída por uma comunidade de posições (*I-positions*) que “dão voz” a perspectivas distintas e que colaboram na co-construção do significado de cada vivência e na permanente actualização do sentido de identidade. A conjugalidade é uma dimensão central do mundo relacional e da identidade do ser humano. O casal funciona como uma micro-sociedade, enfrentando um conjunto diversificado de expectativas, constrangimentos e exigências. As competências de gestão desenvolvidas neste domínio da vivência humana são evidenciadas no papel proactivo desempenhado pela posição de identidade (*I-position*) *Conjugal* nas dinâmicas do sistema identitário. Para aprofundar empiricamente as estratégias de organização da identidade dialógica desenvolvemos uma entrevista que permite aceder ao repertório de posições de identidade (Tarefa de Articulação Dialógica, TAD) e analisámos as dinâmicas intrapessoais em três momentos distintos do ciclo de vida conjugal.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade dialógica; Dinâmicas intrapessoais; Ciclo de vida conjugal, Mediação semiótica

1. Introdução

*“Enquanto os amantes viajam por mares azulados,
o casal dá à costa nas margens da realidade.”*
(Tenenbaum, 2000)

O casamento e a família foram provavelmente, desde sempre, as noções socioculturais mais promovidas, valorizadas e com mais impacto na vivência humana. É também inquestionável a influência da sociedade e da cultura, e dos significados a elas associados, na determinação das necessidades afectivas dos sujeitos, na sua

1 Escola de Psicologia, Universidade do Minho - catarina.rosa@gmail.com

2 Escola de Psicologia, Universidade do Minho

conduta e na própria identidade (Valsiner, 2006). Na sociedade ocidental persiste uma visão do casamento como factor de estabilidade, segurança e crescimento pessoal (Relvas, 1996).

Quando dois sujeitos assumem o compromisso de construir um projecto de vida comum, surge a conjugalidade. No entanto, este é apenas o primeiro passo de uma longo percurso. Como refere Relvas (1996) “a formação e manutenção do casal é um processo de mudança contínua, de construção do modelo próprio que, para além dos dois parceiros, envolve o permanente equilíbrio relacional com terceiros excluídos ou incluídos” (p. 54). Na relação de casal “um e um são três” (Caillé, 1991) e este paradoxo é elucidativo da complexidade única desta dimensão relacional. Cada dimensão que povoa este “terceiro elemento” desempenha uma função específica: as expectativas individuais determinam o leque de opções; as pressões sociais constroem as escolhas; o modelo específico de relação distingue os parceiros de dois estranhos; as famílias de origem determinam a bagagem genético-cultural; os amigos relembram experiências partilhadas; as profissões testemunham a progressão; os filhos são a herança comum.

A formação do casal marca o início de uma nova família. Portanto, a influência da passagem do tempo na vivência da conjugalidade é indissociável da sequência de transformações previsíveis na organização familiar ou etapas do ciclo vital da família (Carter & McGoldrick, 1980; Nichols, 1984; Nock, 1982; Relvas, 1996). No tempo do casal é possível identificar três estádios distintos, separados pelo cumprimento de tarefas específicas (DeFrank-Linch, 1986, *in* Relvas, 1996). O primeiro momento corresponde à fusão do EU e do TU na procura da co-construção de um NÓS, existe uma intimidade crescente, mas ambivalente e as incertezas/tensões são suavizadas pelo desvio do investimento para outras áreas igualmente importantes, como por exemplo a profissão. No segundo momento assiste-se a um retorno ao EU e ao TU, surge a rotina e o aborrecimento, a exigência da multiplicidade de solicitações aumenta o risco de desmembramento que, muitas vezes, é contrariado através de uma focalização quase exclusiva/obsessiva nos filhos. Ultrapassado este período exigente, o casal entrará num momento de reencontro e de reorganização de um novo NÓS, no qual cada um dos elementos será capaz de desenvolver, de forma mais madura, a sua independência e autonomia.

O carácter central da conjugalidade na vivência humana e as competências de gestão e adaptação à mudança desenvolvidas neste domínio experiencial reflectem-se numa participação activa da posição de identidade (*I-position*) *Conjugal* no sistema de identidade. Entendemos que os movimentos desenvolvidos por esta posição específica do eu, para se relacionar e estabelecer limites com as restantes posições do sistema identitário, serão um bom mapa de referência para trilhar as transformações dinâmicas que ocorrem na identidade dialógica adulta. Neste

artigo apresentamos um estudo desenvolvido com o objectivo de aprofundar as regularidades e especificidades da estrutura e organização da identidade dialógica em três momentos distintos do ciclo de vida conjugal.

2. Contextualização Teórica

2.1. A Identidade Dialógica: Estrutura e Organização

“Sê plural como o universo!”

(Fernando Pessoa)

Para sermos bem sucedidos no confronto com a diversidade de solicitações, contextos e relações em que nos movemos nos dias de hoje, é-nos exigida uma multiplicidade de recursos e uma capacidade eficiente de adaptação e renovação. A dificuldade em conciliar esta complexidade experiencial com a imagem de uma identidade integrada e unificada desencadeou na última década uma proliferação de desenvolvimentos teóricos para a reformulação e actualização deste conceito. A teoria dialógica defende que numa mesma pessoa convivem e interagem diferentes vozes, que são interdependentes entre si e dos cenários em que são mobilizadas. Deste ponto de vista, a identidade é conceptualizada como uma comunidade de posições que dão voz a perspectivas distintas sobre cada momento experiencial. Estas diferentes avaliações não ecoam de forma isolada, estão interligadas através de relacionamentos dialógicos, resultando numa pluralidade de consciências e mundos que promove a constante actualização do sentido de identidade (Hermans, 2001, 2006). Neste sistema de identidade multivocal podemos identificar duas características importantes: a estrutura, que varia com o número e variedade de posições, e a organização, que se refere à capacidade de movimentação entre posições, de acordo com as exigências da situação (Hermans, 2000).

O repertório de posições de identidade não deve ser entendido como um conjunto pré-definido e delimitado de perspectivas. A identidade dialógica caracteriza-se por uma possibilidade inesgotável de integração de novas vozes, pelo que o sistema é permanentemente reconstruído e recriado ao longo do desenvolvimento. A cada episódio experiencial a paisagem identitária é modificada: as posições que são relevantes para cada momento “aqui e agora” passam a ocupar o núcleo activo do sistema e as restantes permanecem temporariamente inactivas ou em *background*. A existência de um repertório altamente diversificado, aliada a uma possibilidade

permanente de inovação é, sem dúvida, uma das maiores potencialidades desta concepção de identidade.

As diferentes posições do eu podem envolver-se em dinâmicas distintas. Quando a interacção entre as posições de identidade não considera a noção de mutualidade sistémica das partes estamos perante uma relação monológica, que se caracteriza “pela tentativa de um dos intervenientes anular qualquer tipo de resposta do seu interlocutor (...) no sentido de não se configurar de uma das partes envolvidas na relação a possibilidade de troca ou construção conjunta de significados” (D’Alte, Petracchi, Ferreira, Cunha & Salgado, 2007, p. 7; Valsiner, 2006). Quando, por outro lado, são manifestadas as perspectivas de diferentes posições e se assume que têm igual direito a contribuir para o desfecho da relação, estamos perante uma dinâmica dialógica (Valsiner, 2006). Neste caso, “existe a possibilidade de trocas comunicacionais, negociação e co-construção de significados” (D’Alte et. al., 2007, p. 7). Qualquer diálogo, verbal ou não verbal, requer uma organização, que é obtida pela implementação de um domínio relativo (Linell, 1990, *in* Hermans & Kempen, 1993; Hermans 2008). O facto de existirem múltiplas perspectivas gera desigualdades de poder e existem posições que são negligenciadas ou mesmo não ouvidas (Hermans, 2004; Josephs, 2002). Neste sentido, podemos distinguir diálogos simétricos de assimétricos: quanto mais simétrico for o diálogo, mais permite a influência mútua entre as perspectivas presentes; quanto mais assimétrico, mais constrange a troca de visões diferentes (Hermans & Kempen, 1993). Este confronto constante entre as diferentes perspectivas da identidade, amplia as hipóteses de escolha, mas exige opções nem sempre pacíficas e que geram níveis diferenciados de ambivalência e conflito. Se as diferentes vozes tiverem igual oportunidade para se manifestar, a capacidade de criar pontes de significado entre posições conflituosas vai sendo desenvolvida e a diferença e a oposição poderão funcionar como motor de inovação e mudança (Dimaggio & Stiles, 2007). Caso contrário, podemos assistir a um momento de estabilidade ou mesmo de estagnação do sistema. Portanto, uma concepção de identidade tão dinâmica exige um sistema de gestão igualmente activo, que ora potencie ora bloqueie o seu próprio desenvolvimento e abertura à inovação (Valsiner, 2002). As dimensões de estabilidade e mudança coexistem na identidade, porque dependem uma da outra: é necessário um certo nível de estabilidade para mudar e é preciso mudar para encontrar estabilidade (Lyddon, 1988, *in* Hermans, 2006).

A cooperação funcional e produtiva entre as diferentes posições vai depender da capacidade de gestão desta complexidade relacional. A importância de aprofundar o modo como se processa esta organização parece-nos inquestionável. O carácter proactivo da identidade na sua própria construção e regulação, ou seja, a sua conceptualização enquanto sistema auto-suficiente, tem sido um terreno produtivo de

exploração teórica (Bhatia & Ram, 2001; Fogel, 1993; Hermans, 1996; Honos-Webb & Stiles, 1998; Richardson, Rogers & McCarroll, 1998). No entanto, este investimento não se tem traduzido, por exemplo, na definição de tipos específicos de relações dialógicas que se podem estabelecer entre as diferentes posições de identidade (Cooper, 2003). Partindo do princípio de que a identidade dialógica é um sistema que se auto-regula através da utilização de signos, a análise dos processos de construção de significado desenvolvidos nos encontros entre as posições parece ser um bom caminho para aprofundar as estratégias que regulam a fluidez das dinâmicas intrapessoais (Hermans, 1996; Valsiner, 2002, 2004, 2005).

2.2. A Mediação Semiótica: Estratégia de Gestão Identitária

*“When studying man, we search for and find signs everywhere
and we try to grasp their meaning.”
(Bakhtin, 1986)*

A percepção de que vivemos num esforço constante de construção de instrumentos semióticos de auto-reflexão e auto-compreensão serve de fundamento à sugestão de que a mediação semiótica pode ser um contributo importante para o desenvolvimento da teoria dialógica (Leiman, 2002). A identidade multivocal não é o produto de trocas estereotipadas entre símbolos fixos, resulta de “uma interface dinâmica, que se joga e observa em processos de interação e de mediação semiótica” (Rommetweit, 2003, *in* Hamido & César, 2007, p. 2). O significado de cada posição do eu, e da relação que as une, é constantemente recriado em cada novo encontro. (Fogel, 1993). A identidade recorre à mediação semiótica como mecanismo de auto-regulação dos seus processos, porque é um sistema de controlo flexível que permite criar uma sensação de estabilidade e organização, ainda que temporária e altamente dinâmica (Cortini, Mininni & Manuti, 2004; Valsiner, 2002, 2006).

O trabalho do filósofo Meinong serviu de inspiração para a conceptualização teórica e analítica do processo de construção de significado desenvolvida por Valsiner e colaboradores (ver Josephs & Valsiner, 1998; Josephs, Valsiner & Sorgan, 1999; Valsiner, 2005). Segundo os autores a construção de significado ocorre através do desenvolvimento de binómios ou complexos bipolares, que representam a união de dois campos de significado – o campo A e o campo *Anti-A*. O segundo funciona como um negativo do campo A e é um domínio extenso preenchido por todos os significados distintos de A. Esta indefinição inicial do campo *Anti-A* é um dos elementos vitais do processo de mudança pelo enorme poder criativo e transformador que comporta. A construção de significado tem início a partir do momento em que é sintetizado um complexo {A vs. *Anti-A*} (tomemos como exemplo casamento vs.

anti-casamento). Sempre que um significado é criado ele destaca-se de uma imensidão de significados que se lhe opõe, como numa relação de figura e fundo. Assim, se pensarmos no que significa “casamento”, cria-se de imediato um conjunto de significados que se situam na oposição deste campo (e.g., amizade, divórcio, relações entre irmãos). Um complexo de significados {A vs. *Anti-A*} tem como fronteira todo um conjunto de significados que não se relacionam com o complexo, designado Não-A. Transformações num complexo de significado podem ocorrer por crescimento do campo A (e.g., casamento tradicional – casamento contemporâneo – casamento de homossexuais...) ou por elaboração do campo *Anti-A* (e.g., vida solitária), podendo dar origem a outros complexos de significados que necessariamente serão bipolares (e.g., {B vs. *Anti-B*}). Iremos utilizar esta proposta dialéctica na análise das transformações que ocorrem nas dinâmicas identitárias, isto é, na análise dos movimentos dialógicos que têm lugar entre as diversas posições do eu.

3. Método

3.1. A Amostra

A amostra é constituída por 9 casais (9 homens entre os 26 e os 61 anos e 9 mulheres entre os 24 e os 58 anos) e encontra-se dividida em 3 grupos que representam diferentes etapas do ciclo de vida conjugal e familiar: grupo 1 – fase inicial do ciclo conjugal, composto por 3 casais sem filhos; grupo 2 – fase intermédia do ciclo conjugal, 3 casais com filhos pequenos e/ou em idade escolar e grupo 3 – fase final do ciclo conjugal, 3 casais com filhos adultos (ver DeFrank-Linch, 1986, *in* Relvas, 1996; Nichols, 1984). O critério de divisão assentou na especificidade dos desafios que a posição identitária *Conjugal* enfrenta nestes 3 momentos de reestruturação do sistema de identidade: a sua criação e integração efectiva no repertório (grupo 1); a sua relação com posições concorrentes pela centralidade e prioridade no sistema (grupo 2) e o seu reposicionamento num momento de redefinição e balanço do sistema (grupo 3).

3.2. O Procedimento

Investigar empiricamente a identidade enquanto projecto continuamente em construção implica necessariamente a inclusão da dinâmica temporal (Josephs, 1998). Assim, o processo de recolha de dados ocorreu semanalmente, durante um mês e meio e foi dividido em três momentos distintos: entrevista inicial - definição do repertório de posições de identidade e primeira descrição das dinâmicas entre

posições; 4 entrevistas breves - descrição das dinâmicas entre posições com base num acontecimento significativo para o casal e entrevista final - redefinição do repertório de posições de identidade e reflexão final sobre as dinâmicas entre posições. Em todos os momentos foram aplicadas variantes de uma entrevista semi-estruturada desenvolvida num estudo anterior com o objectivo de “dar voz” à comunidade multivocal da identidade – Tarefa de Articulação Dialógica (TAD, ver Rosa, Duarte & Gonçalves, 2008).

Entrevista Inicial. A entrevistadora pede aos participantes para identificarem as dimensões mais significativas da sua identidade, que geralmente correspondem a papéis sociais, características pessoais, actividades (por exemplo, *Eu Filha, Eu Conjugal, Eu Pessimista, Eu Desportista*). O repertório de posições de identidade que é definido reflecte apenas o conjunto de posições que, naquele momento “aqui e agora”, ocupa o “palco das operações” do sistema. As restantes posições permanecem em *background*, porque não foram activadas pelo contexto da entrevista. Depois de perceberem que as posições de identidade identificadas personificam as diferentes perspectivas sobre as quais ponderamos, por exemplo, nos momentos de tomada de decisão, os participantes são convidados a imaginar que cada posição é dotada de voz e a descrever a interacção mais frequente entre todos os pares de posições. Por exemplo:

Entrevistadora: *“Relativamente ao Eu Filha e ao Eu Conjugal, estas posições geralmente entram em diálogo?”*

Participante: *“Não. São duas posições que não têm referências uma da outra, são perfeitas desconhecidas. Mas esta dinâmica não é o ideal que tinha imaginado.”*

4 Entrevista Breves. Os 4 encontros que se seguem têm contornos específicos. A investigadora pede aos participantes para identificarem o acontecimento da semana mais significativo e que teve mais impacto na relação de casal. Em seguida, são exploradas as dinâmicas intrapessoais que foram activadas pelo acontecimento. Por exemplo:

Participante: *“Como acontecimento significativo eu escolho o jantar de segunda-feira, porque foi uma oportunidade para esclarecermos algumas coisas e para pedir desculpa.”*

Entrevistadora: *“Neste acontecimento, o Eu Filha e o Eu Conjugal entraram em diálogo?”*

Participante: *“Sim, acho que o Eu Conjugal sentiu o bom e o mau do Eu Filha. Pelo lado mau, o facto de ter reagido impulsivamente, sem me preocupar com os outros. Pelo lado bom, a capacidade de reconhecer e corrigir o erro.”*

Entrevista final. Partindo do pressuposto de que a experiência repetida de auto-reflexão desencadeia, por si só, mudanças na forma como perspectivamos a identidade, na última entrevista os participantes têm a oportunidade de introduzir alterações no repertório de posições inicialmente definido. Um exemplo de uma alteração possível diz respeito à activação de uma posição que estava em *background* na entrevista inicial.

Entrevistadora: *“Relativamente ao conjunto de posições significativas que definiu há um mês e meio atrás, gostaria de fazer alguma alteração?”*

Participante: *“Eu gostaria de acrescentar o Eu Amiga. É uma posição que tem estado apagada, mas na qual eu quero reinvestir.”*

Por último, os participantes voltam a descrever a dinâmica entre as posições, mas são alertados para o facto de ponderarem sobre as variações que foram ocorrendo ao longo das semanas (balanço final).

Entrevistadora: *“Procurando pensar nas diferentes dinâmicas que o Eu Filha e o Eu Conjugal experimentaram ao longo deste mês e meio, acha que elas habitualmente dialogam entre si?”*

Participante: *“Eu pensava que elas não tinham relação nenhuma, (...) que não partilhavam nada. Afinal partilham e partilham aqui, se calhar, não as coisas boas do Eu Filha.”*

Todas as entrevistas foram conduzidas pela primeira autora deste artigo, realizadas em casa dos participantes e gravadas em registo áudio (para posterior transcrição integral). O tempo de duração de cada entrevista variou entre os 30 minutos e as 3 horas.

3.3. A Análise

Para analisar o discurso dos participantes sobre as dinâmicas entre as posições de identidade recorreremos a uma grelha teórica que assenta no seguinte conjunto de binómios.

Monólogo e Diálogo. Os pólos desta dicotomia representam as duas formas prototípicas de interacção (tipo de interacção) entre posições de identidade. Estes conceitos não coincidem de forma linear com as noções de monológico e dialógico, que se referem ao resultado da interacção. No monólogo apenas uma voz se manifesta, dominando todo o sistema, enquanto as restantes posições ficam em silêncio (Lysaker & Lysaker, 2002; Puchalska-Wasyl, Chmielnicka-Kuter & Oles, 2008). No diálogo são ouvidas diferentes vozes, embora possam apresentar

diferenças de poder (Hermans & Hermans-Jansen, 1995; Puchalska-Wasyl et al., 2008). Quanto ao resultado da interação, este pode variar segundo um contínuo entre monológico (tentativa de recusa ou supressão da natureza dialógica da existência e da comunicação, ver Linell & Marková, 1993) e dialógico (aceitação e celebração da diferença).

Assimetria e Simetria. A perspectiva dialógica não implica apenas a coabitação de diferentes perspectivas, mas igualmente a activação de hierarquias. A presença de relações de domínio na identidade é uma consequência da natureza hierárquica de qualquer sistema flexível (Valsiner, 2006). A hierarquia é um recurso fundamental em qualquer relação, pelo que será importante utilizá-la de forma a potenciar as suas qualidades adaptativas (Guilfoyle, 2006). No sistema identitário podemos encontrar relações onde estão presentes hierarquias rígidas (domínio) e relações onde prevalecem hierarquias não estáticas e funcionais (sobreposição) (Hermans, 1996; Hermans & Kempen, 1993).

Conflito e Ambivalência. O conflito é intrínseco a qualquer sistema dinâmico e múltiplo (James, 1890, *in* Hermans, 1987). A experiência da diferença, da oposição e do conflito é fundamental, é o preço psíquico que pagamos pela liberdade de movimento dentro da mente (Beebe, 2002; Verhofstadt-Denève, 2003). A maior parte das assimetrias e tensões existentes nas identidades dialógicas são adaptativas e garantem a sobrevivência dos sistemas nos contextos em que se movem (Aveling & Gillespie, 2008). O conflito pode inclusivamente ser visto como um sinal de abertura à mudança e promovido como objectivo terapêutico (Honos-Webb & Stiles, 1998). Não obstante, quando mal gerido, também pode originar graves efeitos destrutivos, como a fragmentação (Verhofstadt-Denève, 2003).

Estabilidade e Mudança. Os momentos de estabilidade do sistema resultam de um suporte mútuo e coexistência harmoniosa entre as posições de identidade. São períodos simultaneamente criativos, nos quais não tem de existir uma coesão concordante permanente. É este carácter dinâmico que distingue a estabilidade das situações extremas de estagnação ou rigidez (Fogel, 1993; Roberts & Donahue, 1994). Por outro lado, a mudança desenvolvimental resulta do processo de elaboração, dissolução, comparação e consolidação de diferentes relações. Representa um conjunto de forças de diversidade que empurram a identidade em diferentes direcções e a preparam para o desenvolvimento (Ho, Chan, Peng & Ng, 2001; Valsiner, 2002).

A compreensão das dinâmicas envolvidas na gestão da multivocalidade identitária exige um escrutínio minucioso dos micro-processos que estão a acontecer a cada momento (Valsiner, 2006). Este objectivo de acompanhar, de perto, o desenvolvimento dos fenómenos no tempo pode ser conseguido através da sequência

rigorosa de observações defendida pela tradição metodológica da microgênese (Diriwächter & Valsiner, 2006; Josephs, 1998; Siegler & Crowley, 1991). Neste sentido, desenvolvemos um procedimento de análise microgenética do processo de construção de significado desenvolvido pelos participantes para fundamentar as dinâmicas entre as posições de identidade (ver também em Rosa & Gonçalves, 2008).

Quadro 1 - Procedimento de Análise Microgenética do Processo de Construção de Significado

Processo	Exemplo
A entrevistadora começa por sugerir o complexo de significado {Diálogo vs. <i>Anti</i> -Diálogo}, por exemplo “ <i>O Eu Conjugal e o Eu Profissional entram em diálogo?</i> ”. A partir deste estímulo inicial analisámos todo o processo de construção de significado procurando identificar:	
- Se o participante aceita o campo A (Diálogo) e promove o seu crescimento.	“ <i>Talvez tenha havido um diálogo e estiveram de acordo.</i> ”
- Se o participante rejeita o campo A e elabora construtivamente o campo <i>Anti</i> -A (<i>Anti</i> -Diálogo).	“ <i>Não existe diálogo, porque as duas posições não se encontram.</i> ”
- Se o participante constrói novos complexos de significado a partir de um dos pólos do complexo anterior, (por exemplo {Independência vs. <i>Anti</i> -Independência}).	“ <i>Não dialogam, porque fazem as coisas de forma autónoma, são independentes.</i> ”
- Se existe uma coexistência harmoniosa (momento de estabilidade dinâmica) ou um estado de rivalidade (oportunidade de mudança) entre os diferentes complexos de significado que vão sendo construídos durante o processo.	“ <i>Estas duas posições às vezes estão de acordo e às vezes têm opiniões contrárias e esta alternância é positiva.</i> ” (estabilidade dinâmica) “ <i>Estas duas posições quando entram em desacordo não conseguem negociar e isto é algo que tenho de mudar, porque gera mal-estar.</i> ” (oportunidade de mudança)
- Se as estratégias ³ que o participante constrói para gerir as tensões/rivalidades funcionam como: <ul style="list-style-type: none"> • Instrumentos de restrição e poder (por exemplo, através de significados com grande poder de abstracção - Responsabilidade); • Organizadores semióticos de momentos de co-construção (por exemplo, através do foco numa preferência pessoal). 	“ <i>As duas posições entraram em desacordo e o Eu Profissional impôs-se, porque tinha mesmo de ser. Estou a trabalhar num projecto importante, nada pode falhar e portanto não me posso desviar desse objectivo.</i> ” “ <i>As duas posições entraram em desacordo, mas conseguiram encontrar uma solução de compromisso: o Eu Profissional fala mais alto nesta situação, porque é um investimento que ambas querem.</i> ”

3 Para gerir a tensão e a ambivalência, que estão presentes em qualquer momento de tomada de decisão, são construídas estratégias de *bypass* semiótico. Estes mecanismos mediadores são utilizados como filtros face a conflitos e contradições e podem desempenhar duas funções: a) instrumentos de restrição e estagnação - quando eliminam a tensão através da imposição de um dos pólos do complexo, geralmente pela acção de constrangimentos socioculturais ou b) organizadores semióticos - quando criam o grau de equilíbrio necessário entre as duas opções para a co-construção de um espaço dialógico, do qual resultará uma reorganização mais adaptativa (ver mais detalhes em Josephs & Valsiner, 1998).

4. Resultados

4.1. O Repertório de Posições de Identidade

A constituição, ou estrutura, do sistema de posições de identidade tem sido abordada por diversos autores. Consoante o *background* teórico, ou o objecto de estudo destes contributos, têm sido sugeridos diferentes tipos de posições internas: posições sociais/vozes colectivas e posições pessoais/vozes individuais (Hermans, 2001); posições históricas (Roland, 2001); posições culturais (Bhatia, 2002; Chaudhary & Sriram, 2001; Josephs, 2002); posições centrais e posições periféricas (Hermans, 2003); meta-posições (Cooper, 2003; Hermans, 2003).

Os participantes da nossa amostra identificaram um conjunto diversificado de posições de identidade, que revelou singularidades e regularidades ao longo dos 3 grupos. Neste aglomerado de posições foi possível destacar 5 categorias distintas de posicionamentos.

Quadro 2 - Distribuição das Posições de Identidade por Categoria e por Grupo

Categorias	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Características pessoais	Eu Sociável Eu Emocional Eu Teimoso Eu Bem disposto Eu Conversador Eu Bom Ouvinte Eu Pessimista		Eu Emocional Eu Independente Eu Deprimido Eu Conservador
Relações interpessoais	Eu Conjugal Eu Filho/a Eu Amigo/a	Eu Conjugal Eu Pai/Mãe Eu Filho/a Eu Amigo/a	Eu Conjugal Eu Pai/Mãe Eu Avô/Avó
Actividade profissional	Eu Profissional	Eu Profissional	Eu Profissional
Actividades lúdicas		Eu Desportista Eu no Lazer Eu Artista Eu Aventureiro	Eu Desportista Eu no Lazer Eu na Bricolage
Postura reflexiva	Eu Organizador		

■ Categorias presentes nos 3 grupos da amostra

4.2. As Dinâmicas Intrapessoais

A partir da complexa rede de relações intrapessoais de cada participante, optámos por apresentar os resultados relativos às dinâmicas entre a posição de identidade *Conjugal* e a outra posição do sistema com a qual estabeleceu interações: a) mais recorrentes (a relação entre as duas posições foi activada nos 6 momentos de recolha de dados); b) mais exigentes e diversificadas (os encontros entre as

posições são marcados pela tensão e ambivalência, exigindo uma gestão activa). Entendemos que a compreensão dos mecanismos que os participantes desenvolvem para dar sentido à interacção entre estes pares específicos de posições, poderá funcionar como um importante indicador das oscilações que estão a ocorrer, a cada momento, na organização dinâmica do sistema de identidade. Em 12 dos 18 participantes, esta relação acontece entre duas posições da categoria das relações interpessoais. No entanto, apesar desta tendência geral, é possível identificar especificidades ao longo dos 3 grupos. No grupo 1, a posição *Conjugal* promove este tipo de encontro com posições que representam dimensões de realização pessoal (*Eu Profissional* e *Eu Sociável*) ou com posições que a desafiam e exigem uma redefinição de limites (*Eu Filho/a*). No grupo 2, existe um confronto activo com a posição mais prioritária e central do sistema nesse momento (*Eu Pai/Mãe*). A única excepção deste grupo, em que a interacção acontece com a posição *Profissional*, deve-se ao facto de o participante não ter identificado as posições *Conjugal* e de *Pai* separadamente, assumindo-as como um todo indissociável. No grupo 3, a posição *Conjugal* envolve-se com as posições do sistema que são mais valorizadas e investidas (*Eu Pai/Mãe*, *Eu Avô* e *Eu Independente*).

Quadro 3 - Síntese das Dinâmicas entre Posições de Identidade Analisadas

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Posição Conjugal/ Posição Profissional	3 Participantes (Eu Profissional)	1 Participante (Eu Profissional)	
Posição Conjugal/ Outra posição relacional	2 Participantes (Eu Filho/a)	5 Participantes (Eu Pai/Mãe)	5 Participantes (4 Eu Pai/Mãe e 1 Eu Avô)
Posição Conjugal/ Posição pessoal	1 Participante (Eu Sociável)		1 Participante (Eu Independente)

- Dinâmica presente nos 3 grupos da amostra (12 dos 18 participantes)

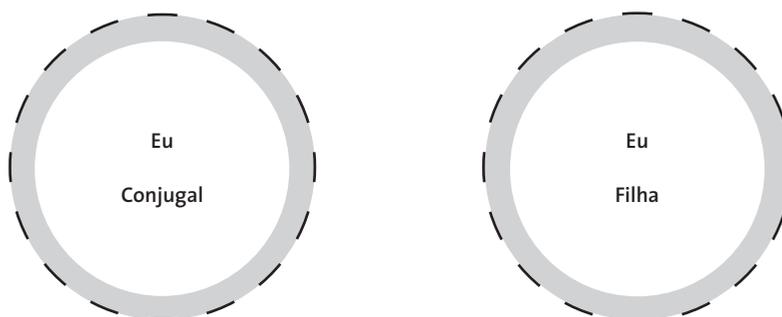
A análise microgenética do processo de construção de significado desenvolvido pelos participantes para fundamentar as interacções entre estes diferentes pares de posições permitiu salientar a emergência de processos/funções comuns no discurso dos participantes. Deste modo, identificámos 6 padrões nas dinâmicas intrapessoais que foram promovidas para garantir a sobrevivência e bem-estar da identidade: A – Padrão de Alienação Monológica; B – Padrão de Exclusividade Intencional; C – Padrão de Autoritarismo; D – Padrão de Liderança; E – Padrão de Multivocalidade Monocórdica e F – Padrão de Complementaridade Dialógica. Convém ressaltar que estes padrões são o resultado da análise de 108 células (6 por participante e 36 em cada grupo) de duas posições de identidade, num momento preciso no tempo. No entanto, a actividade interna da identidade dialógica deve ser entendida como uma combinação extensa de células interdependentes, sendo que a cada momento ocorrem em simultâneo diversos padrões (Fogel, 1993).

A) Padrão de Alienação Monológica

O sistema de identidade cria a ilusão de ser habitado por uma única posição cuja perspectiva ecoa sem qualquer *feedback*. Na realidade, o restante repertório encontra-se em *background*, mas esta posição desenvolve um monólogo sem estar disponível para se relacionar com as outras posições, por não ter consciência da sua existência. As auto-narrativas tornam-se totalitárias, uma vez que o indivíduo assume que uma determinada construção é a única possível e não emergem alternativas. Trata-se de uma forma rígida de auto-conhecimento que suprime ou restringe a multivocalidade da identidade. Este é um momento de estagnação monológica, porque a presença de uma única perspectiva que nega a possibilidade de existência de outras, impede a inovação do sistema identitário⁴. A manifestação deste padrão gera conflito e ambivalência, porque a pessoa está consciente do afunilamento desencadeado na multivocalidade da sua identidade.

Exemplo: “O Eu Filha e o Eu Conjugal é que nunca se encontram mesmo. Não se conhecem, não têm referências um do outro, não sabem por onde é que anda um e o outro, são feitos desconhecidos. Mas isto não é o ideal que eu imaginei.”

Figura 1



Nota: A cor branca indica a perspectiva que ganha voz

B) Padrão de Exclusividade Intencional

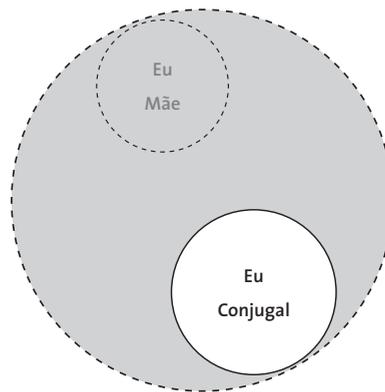
Neste padrão, tal como no anterior, apenas uma posição se expressa. No entanto, neste segundo tipo de monólogo, a posição não nega a existência das restantes, mas recusa-se a entrar em comunicação e a ouvir as suas perspectivas. A única visão que é manifestada (resultado monológico) deriva de uma decisão cons-

⁴ Exemplos clínicos deste processo são os quadros psicopatológicos em que persistente e rigidamente se utiliza um único estilo de *coping* e um único estilo interpessoal (Hermans & Gonçalves, 1999).

ciente em negligenciar ou evitar as restantes (processo dialógico), por ser a opção mais adaptativa para o sistema naquele momento. Nesta linha interpretativa, o silêncio das posições interlocutoras pode ser entendido como um dispositivo de comunicação e uma estratégia relacional de preparação para uma dinâmica mais dialógica (Fogel, 1993; Ligorio & Pugliese, 2004; Ohnuki-Tierney, 1994, *in* Josephs & Valsiner, 1998; Watzlawick, Bavelas & Jackson, 1967). Este fenómeno foi anteriormente designado de “dialogismo escondido” (Bakhtin, 1981, *in* Valsiner, 2004), referindo-se ao facto de que a dialogicalidade está presente mesmo numa dinâmica mais monológica. Este padrão pode inclusivamente corresponder a um momento de inovação do sistema identitário quando, por exemplo, permite dar destaque a uma posição anteriormente negligenciada. Portanto, apesar do constrangimento pontual da multivocalidade do sistema, a intencionalidade deste tipo de gestão e a sua função de “preliminar para um diálogo futuro” justificam a ausência de conflito.

Exemplo: “O Eu como Mãe não estava activo e foi posto de parte. Portanto, foi um momento do Eu Conjugal. Foi só o Eu Conjugal, porque ele precisava de tempo só para si; precisa de momentos como este para se restabelecer e ganhar forças.”

Figura 2



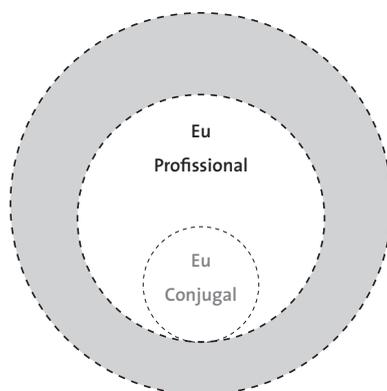
C) Padrão de Autoritarismo

As posições de identidade entram em diálogo directo e o encontro das suas perspectivas é marcado por uma característica que, segundo Linell (1990, *in* Hermans & Kempen, 1993), é intrínseca a qualquer sequência acto/resposta – a assimetria. Qualquer encontro dialógico entre diferentes posições requer uma organização, a qual é obtida pela implementação de um domínio relativo (Hermans, 2008). Neste caso específico, a assimetria activada é disfuncional e desadaptativa para o bem-estar do sistema. Estamos perante uma hierarquia rígida, na qual se verifica o domínio invariável de uma posição, independentemente do contexto (Aveling & Gillespie, 2008). O diálogo, apesar de resultar numa escolha unilateral, não deixa

de incluir o contributo de ambas as partes. De acordo com o raciocínio do padrão anterior, a passividade “provisória” da posição subjugada é uma forma de comunicação relacional. Por exemplo, pode ser uma estratégia para obrigar a posição dominante a assumir o máximo de responsabilidades. O afunilamento que este tipo de dinâmica imprime na diversidade vocal gera conflito, porque põe em risco a sobrevivência do sistema identitário, caso se verifique uma mudança contextual que não adquira significado nos parâmetros da perspectiva dominante. Nesta situação, o sistema poderá optar por desencadear uma inversão no domínio, passando a dominar uma posição anteriormente subjugada (momento de inovação).

Exemplo: “Estou a atravessar uma fase mais do Eu Profissional, o Eu Conjugal queixa-se e com razão. Estamos a trabalhar num projecto importante e portanto o Eu Profissional tem mesmo de estar no topo das prioridades e ponto final. Mas em termos de futuro, para as coisas correrem bem, eu gostava de os conseguir equilibrar.”

Figura 3

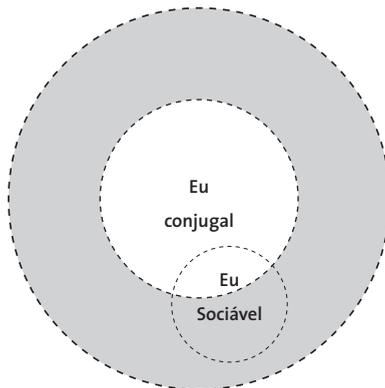


D) Padrão de Liderança

À semelhança do que acontece no padrão anterior as posições de identidade entram em diálogo e a gestão da dinâmica que estabelecem entre si é marcada pela assimetria. Contudo, este tipo de dinâmica em que uma voz fala mais alto do que as outras pode funcionar de uma forma fluente e bem distribuída, resultando numa assimetria funcional (Hermans, 2008). A presença de uma hierarquia flexível e tolerante garante a sobreposição alternada de diferentes posições nos contextos em que possuem maior conhecimento ou em que se revelam mais adaptativas (Aveling & Gillespie, 2008). Neste sentido, esta dinâmica pode ser um veículo de entrada de inovação no sistema, quando a liderança é assumida por uma posição habitualmente secundária. Numa discussão sobre tendências recentes em literatura, Van Loon (2003, *in* Hermans, 2004) propõe um conceito que nos parece enquadrar-se perfeitamente neste padrão – o líder dialógico. Contrariamente ao ditador autoritário e inflexível do padrão anterior, este líder

Exemplo: “O Eu Conjugal tomou uma dimensão maior e mais abrangente do que o Eu Sociável, porque era algo que fazia sentido e que ambos queriam.”

Figura 4

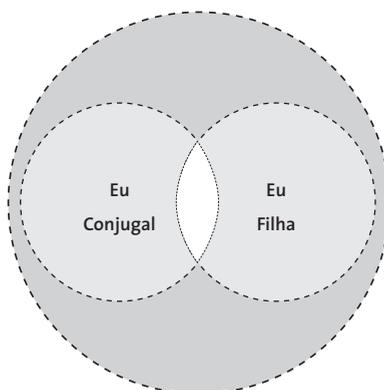


E) Padrão de Multivocalidade Monocórdica

As posições de identidade entram em diálogo, no entanto, contrariamente aos dois padrões anteriores, a sua interacção é caracterizada por uma troca simétrica entre perspectivas muito semelhantes. Portanto, as posições estão disponíveis para um encontro equilibrado, mas não existe um conteúdo/contexto que as desperte para um papel activo de co-construção. Esta dinâmica pode corresponder a um momento de estabilidade do sistema, necessário e adaptativo, em que as posições limitam intencionalmente o diálogo a interesses/objectivos comuns e concordantes (função estabilizadora). Um sistema de identidade funcional consegue manter a multivocalidade a circular em torno de uma versão única, repetidamente confirmada, até que alguma alteração exija o estabelecimento de um novo tipo de relação (Lysaker & Lysaker, 2006). Este padrão também pode funcionar como veículo de entrada de novidade no sistema quando, por exemplo, esta dinâmica de afirmação/confirmação se estabelece entre posições habitualmente opostas ou mesmo incompatíveis. Neste caso, as posições criam uma “relação simbiótica de ambivalência” que será a base para a negociação que vão realizar e que nem sempre é isenta de tensão e conflito (Hermans, 2004).

Exemplo: “Eu acho que o que gerou mais desconforto foi a semelhança entre as opiniões do Eu Filha e do Eu Conjugal. Esta concordância causou tensão entre eles, porque não estão habituados a andar a par e passo e a estar de acordo.”

Figura 5

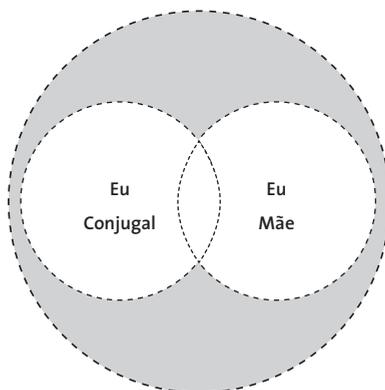


F) Padrão de Complementaridade Dialógica

Nesta dinâmica as posições de identidade entregam-se verdadeiramente ao diálogo e a possibilidade de intercâmbio simétrico atinge a sua potencialidade máxima (Cooper, 2003, 2004). Este padrão pode ser comparado à internet, enquanto plataforma para uma troca social livre, porque funciona como uma estrutura de comunicação e de partilha que depende das posições que a ela recorrem num momento específico, existindo um conjunto ilimitado de contextos para exploração (Van Halen & Janssen, 2004). A natureza dialógica da comunicação é totalmente aceite, criando a possibilidade de emergência de novos significados pela combinação da diversidade de perspectivas. Cada posição é como um co-autor da outra e podemos realmente presenciar movimentos de redefinição e actualização das próprias posições, bem como uma produção conjunta das relações que estabelecem (ver Shotter, 1999).

Exemplo: “Eu estou a tentar repensar o Eu Mãe e o Eu Conjugal. Portanto, estou a tentar no Eu Mãe ser mais atenta e mais calma. E no Eu Conjugal quero conseguir ter um papel também mais dedicado, mais presente. Por outro lado, eu penso que o Eu Mãe tem ajudado a conhecer melhor o Eu Conjugal, há sempre pensamentos e acções que nunca tinha tido ou que não conhecia. É importante estarem juntos, mas têm de saber o seu lugar. Têm que estar mesmo bastante definidos e com limites.”

Figura 6



Quadro 4 - Síntese Integradora das Categorias de Análise Discursiva Subjacentes à Diferenciação dos 6 Padrões de Dinâmicas Intrapessoais

Monólogo		Diálogo			
Perspectiva única		Assimetria entre perspectivas		Simetria entre perspectivas	
Isolamento	Opção	Domínio	Sobreposição	Concordância	Co-construção
Ausência de inovação	Pode ocorrer inovação	Pode ocorrer inovação	Pode ocorrer inovação	Pode ocorrer inovação	Ocorre sempre inovação
↓	↓	↓	↓	↓	↓
Estagnação	Estabilidade ou Mudança	Estabilidade ou Mudança	Estabilidade ou Mudança	Estabilidade ou Mudança	Multipotencialidade
Gera sempre Conflito	Nunca gera Conflito	Gera sempre Conflito	Nunca gera Conflito	Pode gerar Conflito	Nunca gera Conflito
A) Padrão de Alienação Monológica	B) Padrão de Exclusividade Intencional	C) Padrão de Autoritarismo	D) Padrão de Liderança	E) Padrão de Multivocalidade Monocórdica	F) Padrão de Complementaridade Dialógica

5. Discussão

5.1. O Repertório de Posições de Identidade

Uma primeira abordagem ao conjunto de posições de identidade identificado pelos participantes permite salientar as duas dimensões que são transversais aos 3 grupos da amostra: a posição *Conjugal* e a posição *Profissional*. As categorias de posições de identidade a que pertencem, relações interpessoais e actividade profissional, reúnem $\frac{3}{4}$ do total de posições identificado e representam os únicos domínios do sistema de identidade que são assumidos por todos os participantes da amostra (ver Quadro 2). Este resultado leva-nos a sugerir que estas categorias podem funcionar como “um sistema base”, a partir do qual prolifera um conjunto personalizado e indeterminado de domínios experienciais. A centralidade destas dimensões não nos parece alheia ao facto de se reportarem precisamente aos tradicionais papéis sociais. Estamos, provavelmente, perante um exemplo do poder que a influência sociocultural pode exercer sobre a definição do sistema de identidade. Esta interferência não deve ser entendida como linearmente positiva ou negativa, porque pode funcionar como um veículo de constrangimentos, mas igualmente de novas perspectivas (Aveling & Gillespie, 2008). Assim, importa realçar o papel proactivo da identidade na gestão adaptativa deste tipo de influência (Hermans, 2004).

As posições que se reportam a características pessoais (foco individual) não foram identificadas por nenhum participante do grupo 2 (Quadro 2). Esta ausência parece ser justificada pelo elevado nível de exigência requerido pela gestão entre as posições referentes à dimensão das relações e à actividade profissional. A necessidade de focalização e investimento nestas posições pode limitar a disponibilidade para a manifestação de outras dimensões identitárias (à excepção de posições referentes a actividades lúdicas, que funcionam como um escape para a pressão resultante da gestão referida). Nos grupos 1 e 3 vários participantes identificam esta dimensão mais individual que, no entanto, é investida por diferentes razões. No grupo 1, os participantes parecem revelar uma necessidade de aprofundamento do conhecimento das suas características pessoais, no sentido de as utilizar como recursos potenciadores de melhores desempenhos noutras dimensões (nomeadamente, ao nível das relações interpessoais e da dimensão profissional). No grupo 3, a reflexão que os participantes desenvolvem sobre estas características assume, por um lado, um carácter retrospectivo, de balanço e reconhecimento do seu papel no percurso do sistema identitário e, por outro, uma vertente mais projectiva, manifestada na motivação de reinvestir e actualizar esta dimensão.

Do conjunto de posições referentes às relações interpessoais, as posições relacionadas com as relações familiares são identificadas nos 3 grupos da amostra (Quadro 2). Ao longo do percurso de vida vão sendo progressivamente integradas

diferentes posições “familiares” (grupo 1 – *Eu Conjugal* e *Eu Filho/a*; grupo 2 - *Eu Mãe/Pai* e grupo 3 - *Eu Avô/Avó*). A posição *Conjugal* tem a particularidade de estar presente nos 3 grupos, mas o seu lugar neste micro-sistema relacional vai variar ao longo do percurso, como veremos mais adiante. A *Amizade* é a única posição relacional extra-família referida e é identificada por alguns participantes dos grupos 1 e 2, maioritariamente do sexo feminino. Apesar de não ocupar um lugar de destaque no sistema, parece desempenhar a importante função de “contentor e suporte” das dificuldades vividas pelas posições centrais. No grupo 3, os participantes parecem atravessar um momento de focalização individual e familiar, não existindo disponibilidade e abertura para o mundo social.

A referência a uma posição *Profissional* é uma constante em todos os participantes, quer se encontrem ainda no activo ou mesmo quando já estão reformados (Quadro 2). No entanto, e como seria de esperar, o tipo de investimento que lhe é dedicado vai sofrendo alterações ao longo do ciclo de vida conjugal. No grupo 1, esta posição ocupa um lugar prioritário no sistema identitário, uma vez que os adultos jovens manifestam o objectivo de potenciar domínios como a educação, a carreira e as finanças (Diffmam-Kohli & Westerhof, 1997, *in* Fung, Rice & Carstensen, 2005). Os participantes salientam a necessidade e a motivação de construir uma dimensão profissional sólida e recompensadora em termos de realização pessoal. No grupo 2, o protagonismo do sistema é dividido entre o aumento das exigências familiares e o cumprimento rigoroso das responsabilidades profissionais, com vista a uma evolução progressiva. No grupo 3, encontramos duas situações diferentes: alguns participantes mantêm ainda uma actividade profissional que, no entanto, requer um investimento que se resume à manutenção dos níveis de funcionamento e satisfação já alcançados; os participantes que se encontram reformados fazem questão de relembrar a profissão que desempenharam e o vazio que a sua ausência instalou no sistema.

As posições referentes a actividades lúdicas são identificadas apenas nos grupos 2 e 3 e exclusivamente por participantes do sexo masculino (Quadro 2). A sua ausência no grupo 1 parece resultar de uma focalização “quase exclusiva” nos domínios familiar e profissional, que os participantes entendem como mais relevantes para a sua realização pessoal. Neste momento do percurso de vida, os indivíduos querem consolidar a relação que será a base da sua família e a profissão que será a base da sua subsistência. No grupo 3, as posições “lúdicas” parecem ter uma função homeostática no sistema como todo, uma vez que são identificadas pelos participantes que já não exercem uma actividade profissional. No grupo 2, tal como foi referido anteriormente, estas posições desempenham um papel de “balão de oxigénio” face às exigências constantes das duas dimensões mais centrais – relações familiares e profissão. Curiosamente, esta função

de escape, face às maiores exigências que o sistema enfrenta, é desempenhada pela posição *Amizade* no sexo feminino e pela posição *Lúdica* no sexo masculino. Este enviesamento de género é uma consequência que a herança sociocultural vai impondo e representa uma forma de constrangimento sobre a predisposição individual para definir e desenvolver diferentes posições de identidade (Hermans & Kempen, 1993). A formatação sofrida ao longo do percurso de vida, através da educação e da socialização, vai delimitando o campo de possibilidades perspectivado. Algumas posições são aprovadas e valorizadas (logo desenvolvidas), enquanto outras são desaprovadas, criticadas e mesmo rejeitadas (sendo suprimidas do sistema ou mesmo dissociadas). Na realidade, esta influência não é directamente impeditiva da procura, ou mesmo da assumpção, de um leque diversificado de posições de identidade. No entanto, o nível de investimento que os sujeitos se auto-propõem atingir em determinadas posições (relacionadas com as obrigações e responsabilidades morais), constrange a disponibilidade para a experimentação de novas posições. Portanto, a contextualização sociocultural pode constituir uma ameaça à criatividade identitária e à manutenção de uma identidade multivocal (Hermans & Kempen, 1993).

A única posição referente a uma postura reflexiva, *Eu Organizador*, foi identificada por uma participante do grupo 1 e adicionada ao sistema na entrevista final (Quadro 2). Ao longo do processo auto-reflexivo desencadeado pela TAD, a participante desenvolveu uma posição que parecia ter uma visão mais distanciada e geral sobre o sistema e que era chamada a resolver os dilemas mais importantes que surgiam entre as restantes posições. Esta posição parece representar o que na literatura é descrito como uma meta-posição ou posição “observadora”, que é capaz de comunicar aberta e efectivamente com as outras posições de identidade, tendo um papel de coordenação ou gestão (Cooper, 2003; Dimaggio, Salvatore, Azzara & Catania, 2003; Hermans, 2003; Hermans & Kempen, 1993; Leiman & Stiles, 2001).

5.2. As Dinâmicas Intrapessoais

O conjunto de padrões identificado nas interacções entre as posições de identidade apresenta uma manifestação diferenciada nos 3 grupos da amostra, sugerindo a existência de semelhanças e especificidades na gestão das dinâmicas identitárias ao longo do ciclo de vida conjugal.

O momento inicial do ciclo de vida conjugal (grupo 1) é uma fase que se caracteriza por uma tendência para a manifestação de escolhas proactivas, pelo que os participantes revelam uma motivação acentuada para dar voz, explorar e promover um grupo central e prioritário de posições de identidade. Neste cenário multivocal, os encontros entre perspectivas discordantes são maioritariamente marcados

por diálogos assimétricos, que se resolvem pelo recurso a uma hierarquia rígida entre posições – prevalece a voz da posição com mais poder no sistema (Padrão C). No entanto, as restantes posições não são silenciadas e mantêm a sua perspectiva como “ruído” de fundo. Este duplo movimento de domínio autoritário de uma posição e de não conformismo das restantes tem a implicação esperada de introduzir tensão no sistema. O conflito que se gera entre as posições de identidade, em qualquer um dos três grupos, parece ter duas implicações distintas: pode ter um papel adaptativo e desejável de motor de mudança, impulsionando as diferentes posições a confrontarem-se e a explorarem novas formas de relação na sua luta pelo protagonismo - momento de desenvolvimento inovador do sistema; ou pode colocar em risco a capacidade de organização e a sobrevivência da identidade, quando o nível de tensão é demasiado elevado e o sistema se torna incapaz de o resolver - momento de crise (Hermans & Oles, 1996). Os nossos resultados parecem indicar que o receio pelo risco envolvido se sobrepõe à vontade de mudar, porque o número de dinâmicas não conflituosas foi claramente superior nos 3 grupos da amostra. No entanto, todos os participantes do grupo 1 identificaram dinâmicas de tensão, revelando uma motivação elevada para correr riscos e empreender mudanças.

Na fase intermédia do ciclo de vida conjugal (grupo 2), o sistema identitário dos participantes parece sofrer um afunilamento radical que resulta numa motivação de investimento individualizado em apenas uma posição (monólogo), o qual é desafiado pelas restantes. Esta reestruturação do sistema desencadeia uma alteração na forma preferencial de relação entre posições, que passa a ser caracterizada pela manifestação alternada de perspectivas únicas (Padrão B). Estes monólogos parecem desempenhar uma dupla função: por um lado, possibilitam que uma das posições centrais se evidencie e exponha a sua perspectiva “a solo”, por não ser adaptativo para o sistema que sejam consideradas outras vozes menos relevantes; por outro, proporcionam momentos de protagonismo de posições negligenciadas, que assim se restabelecem e preparam para futuros diálogos. Esta alternância entre posições centrais e periféricas ocorre de forma pacífica em metade dos participantes deste grupo. Para os restantes, esta forma de gestão representa uma fonte de tensão e conflito que os motiva a testar novas dinâmicas e a promover mudanças.

Na fase mais avançada do ciclo de vida conjugal (grupo 3), os participantes relatam uma tentativa consciente e ponderada de reorganização do sistema identitário, no sentido de um maior equilíbrio na manifestação das diferentes posições. Deste modo, não querendo correr o risco de negligenciar, ou mesmo perder, alguma perspectiva, optam por dar maior relevância ao encontro simétrico entre as posições (Padrões E e F). Embora, no seu conjunto, estes dois tipos

de diálogo simétrico se sobreponham às restantes dinâmicas, existem outras duas formas relacionais que se destacam. À semelhança do que acontece no grupo anterior, os participantes referem, em certos momentos, a necessidade de dar voz a perspectivas únicas (Padrão B). Este tipo de dinâmica parece funcionar como estratégia de “compensação”, uma vez que permite dar relevo a posições que foram menos investidas, ou relegadas para segundo plano (*background*), durante o percurso de vida. Por outro lado, este percurso foi-lhes permitindo um conhecimento mais aprofundado das limitações e potencialidades de cada posição. Neste sentido, noutras situações, optam por seleccionar uma posição líder, aquela que melhor representa o sistema (Padrão D). Este momento do ciclo de vida conjugal corresponde ainda a uma fase de maior capacidade reflexiva e introspectiva, bem como de menor impulsividade (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). A integração das experiências e aprendizagens acumuladas parece resultar num amadurecimento da capacidade de gestão das relações entre posições de identidade. Consequentemente, este grupo diferencia-se dos anteriores pelo facto de todos os participantes identificarem, pelos menos, uma dinâmica de Padrão F (na qual o encontro entre as perspectivas se caracteriza por um diálogo simétrico de co-construção, sempre inovador e multipotencial). Também exclusiva deste grupo é a ausência de dinâmicas de conflito, que pode ser justificada pela capacidade de gestão produtiva encontrada e/ou por uma tendência de estabilidade. Neste período de calma/serenidade, os participantes, contrariamente ao que acontece nos grupos anteriores, não parecem interessados em empreender mudanças de risco nas dinâmicas internas (Hermans & Hermans-Jansen, 1995). O seu objectivo principal é encontrar formas de equilíbrio dinâmico entre as posições do sistema. Deste modo, apenas vão introduzindo pequenos ajustes nas dinâmicas que deixam de fazer sentido (Fung et al., 2005). Esta capacidade de adaptação reactiva funciona como uma estratégia de manutenção da estabilidade encontrada, isto é, mudam para “ficar na mesma” (Diffmam-Kohli & Westerhof, 1997, *in* Fung et al., 2005).

6. Conclusão

As dificuldades que surgiram no processo de interpretação dos resultados evidenciaram algumas limitações metodológicas do estudo. Relativamente à amostra, os problemas prendem-se fundamentalmente com os critérios de definição da amostra global e de discriminação dos 3 grupos. Ao optarmos por uma amostra de conveniência, obtivemos uma heterogeneidade elevada, geral e intragrupos, que dificultou a integração dos resultados. Entendemos que a melhor opção teria sido definir um critério uniformizador da complexa vivência da conjugalidade (por exemplo, casais que se encontrassem a atravessar o mesmo problema/momento

particular), bem como um foco específico em cada grupo (por exemplo, no grupo 1 - recém-casados; grupo 2 - pais recentes; grupo 3 - avós recentes). Por outro lado, o facto do procedimento de amostragem por conveniência não ser representativo da população teórica e do número de participantes ser relativamente reduzido compromete a generalização dos resultados – embora esse não fosse o nosso objectivo inicial. No que respeita ao procedimento de recolha de dados (TAD), também reconhecemos a “falta de foco” como a limitação mais relevante. A pretensão de procurar captar o maior número possível de dinâmicas intrapessoais, em diferentes momentos no tempo, fez-nos ganhar em quantidade de informação, mas provavelmente perder em qualidade. A morosidade de certas etapas do procedimento pode ter comprometido a capacidade discursiva e de reflexão dos participantes. Entendemos que seria mais produtivo manter a dimensão temporal (entrevistas repetidas), restringindo a exploração das dinâmicas a um par específico (por exemplo, analisar apenas as posições que recorrentemente se confrontam ou entram em conflito).

A análise pormenorizada da forma como as posições de identidade lidam com as incertezas, contradições, ambiguidades, concordâncias, desacordos, novidades e desafios permitiu identificar um conjunto padrões de organização das dinâmicas intrapessoais. No contexto da perspectiva dialógica, a definição de tipologias não deve ser entendida como uma forma de delimitação e generalização estática do processo de construção da identidade, mas antes como uma possível grelha de leitura da multiplicidade de micro-processos que está a ocorrer em simultâneo (Valsiner, 2006). Os nossos resultados apontam para a ideia de que os indivíduos recorrem a padrões semelhantes de dinâmica relacional entre posições de identidade para atingir o mesmo fim – o desenvolvimento, bem-estar e inovação do sistema identitário. No entanto, o percurso que promovem, a sequência de padrões ou a predominância de um determinado padrão, é personalizado e idiossincrático. Análises posteriores são requeridas para a exploração de possíveis combinações entre elementos de diferentes padrões em construções híbridas ou inclusivamente para a descoberta de novos padrões. A possibilidade de identificar os perfis específicos de organização que subjazem a problemas psicopatológicos também se afigura como uma importante linha de investigação futura.

Referências bibliográficas

- Aveling, E. & Gillespie, A. (2008). Negotiating multiplicity: Adaptative asymmetries within second-generation turk's "Society of Mind". *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 200-222.
- Bakhtin, M. (1986). The Problem of text in linguistics, philology, and the human sciences: An experiment in philosophical analysis. In M. M. Bakhtin. *Speech Genres & Other Late Essays* (pp. 103-131). Austin: University of Texas Press.
- Beebe, J. (2002). An archetypal model of the self in dialogue. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 267-280.
- Bhatia, S. (2002). Acculturation, dialogical voices and the construction of the diasporic self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(1), 55-77.
- Bhatia, S. & Ram, A. (2001). Locating the dialogical self in the age of transnational migrations, border crossings and diasporas. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 297-309.
- Caillé, P. (1991). *Un et Un Font Trois. Le couple révélé à lui même*. Paris, ESF Éditeur.
- Carter, E. & McGoldrick, M. (1980). *The Family Life-Cycle: A framework for family therapy*. New York, Gardner Press.
- Chaudhary, N. & Sriram, S. (2001). Dialogues of the self. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 379-392.
- Cooper, M. (2003). "I-I" and "I-ME": Transposing Buber's interpersonal Attitudes to the intrapersonal plane. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 131-153.
- Cooper, M. (2004). Encountering self-otherness: 'I-I' and 'I-Me' modes of self-relating. In H. Hermans & G. Dimaggio (Eds.), *The Dialogical Self in Psychotherapy* (pp. 60-73). New York: Brunner-Routledge.
- Cortini, M., Mininni, G. & Manuti, A. (2004). The diatextual construction of the self in short message systems. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 355-370.
- D'Alte, I., Petracchi, P., Ferreira, T., Cunha, C. & Salgado, J. (2007). Self dialógico: Um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. *Interacções*, 6, 8-31.
- Dimaggio, G., Salvatore, G., Azzara, C. & Catania, D. (2003). Rewriting self-narratives: The therapeutic process. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 155-181.
- Dimaggio, G. & Stiles, W. (2007). Psychotherapy in light of internal multiplicity. *Journal of Clinical Psychology: In Session*, Vol. 63(2), 119-127.
- Diriwächter, R., & Valsiner, J. (2006). Qualitative developmental research methods in their historical and epistemological contexts [53 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 7(1), Art. 8. Consultado em Julho 2008, <http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/1-06/06-1-8-e.htm>
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: Origins of communication, self, and culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Fung, H., Rice, C. & Carstensen, L. (2005). Reactive and proactive motivational changes across adulthood. In W. Greve, K. Rothermund & D. Wentura (Eds.), *The adaptive self: Personal continuity and intentional self-development* (pp. 171-183). Washington, USA: Hogrefe & Huber Publishers.
- Guilfoyle, M. (2006). Using power to question the dialogical self and its therapeutic application. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 89-104.
- Hamido, G. & César, M. (2007). Editorial: Dialogismo(s) e construção de conhecimento. *Interacções*, 6, 1-7.

- Hermans, H. (1987). Self as an organized system of valuations: Toward a dialogue with the person. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 34(1), 10-19.
- Hermans, H. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, Vol. 119(1), 31-50.
- Hermans, H. (2000). The position repertory of interviewer and narrator. *Narrative Inquiry*, Vol. 10(1), 191-194.
- Hermans, H. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 243-281.
- Hermans, H. (2003). The construction and reconstruction of a dialogical self. *Journal of Constructivist Psychology*, 16, 89-130.
- Hermans, H. (2004). Introduction: The dialogical self in a global and digital age. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 297-320.
- Hermans, H. (2006). Moving through three paradigms, yet remaining the same thinker. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 5-25.
- Hermans, H. (2008). How to perform research on the basis of dialogical self theory? Introduction to the special issue. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 185-199.
- Hermans, H. & Gonçalves, M. (1999). Self-Knowledge and self-complexity: A dialogical view. *Constructivism in the human sciences*, Vol. 4(2), 178-197.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-narratives: The construction of meaning in psychotherapy*. New York, Guilford.
- Hermans, H. & Kempen, H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego, Academic Press.
- Hermans, H. & Oles, P. (1996). Value crisis: Affective organization of personal meanings. *Journal of Research in Personality*, Vol. 30(4), 457-482.
- Ho, D., Chan, S., Peng, S. & Ng, A. (2001). The dialogical self: Converging east-west constructions. *Culture & Psychology*, Vol. 7(3), 393-408.
- Honos-Webb, L. & Stiles, W. (1998). Reformulation of assimilation analysis in terms of voices. *Psychotherapy*, Vol. 35(1), 23-33.
- Josephs, I. (1998). Constructing one's self in the city of the silent: Dialogue, symbols and the role of 'as-if' in self-development. *Human Development*, Vol. 41(3), 180-195.
- Josephs, I. (2002). The Hopi in me: The construction of a voice in the dialogical self from a cultural psychological perspective. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 161-173.
- Josephs, I. & Valsiner, J. (1998). How does autodiologue work? Miracles of meaning maintenance and circumvention strategies. *Social Psychology Quarterly*, 61, 68 – 83.
- Josephs, I., Valsiner, J. & Sorgan, S. (1999). The process of meaning construction. In J. Brandtstädter & R. M. Lerner (Eds.), *Action and self-development: Theory and research through the life span* (pp. 257-282). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Leiman, M. (2002). Toward semiotic dialogism: The role of sign mediation in the dialogical self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 221-235.
- Leiman, M. & Stiles, W. (2001). Dialogical sequence analysis and the zone of proximal development as conceptual enhancements to the assimilation model: The case of Jan revisited. *Psychotherapy Research*, 11, 311-330.
- Ligorio, M. & Pugliese, A. (2004). Self-positioning in a text-based virtual environment. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 337-353.
- Linell, P. & Marková, I. (1993). Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-act. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 23, 173-195.

- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2002). Narrative structure in psychosis. Schizophrenia and disruptions in the dialogical self. *Theory and Psychology*, Vol. 12(2), 207-220.
- Lysaker, P. & Lysaker, J. (2006). A typology of narrative impoverishment in schizophrenia: Implications for understanding the processes of establishing and sustaining dialogue in individual psychotherapy. *Counselling Psychology Quarterly*, Vol. 19(1), 57-68.
- Nichols, M. (1984). *Family therapy concepts and methods*. New York: Gardner Press.
- Nock, S. (1982). The life-cycle approach to family analysis. In B. Wolman (ed.), *Handbook of Developmental Psychology* (pp. 636-651). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- Puchalska-Wasył, M., Chmielnicka-Kuter, E. & Oles, P. (2008). From internal interlocutors to psychological functions of dialogical activity. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 21(3), 239-269.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família, perspectiva sistémica*. Porto, Edições Afrontamento.
- Richardson, F., Rogers A. & McCarroll, J. (1998). Toward a dialogical self. *American Behavioral Scientist*, Vol. 41(4), 496-515.
- Roberts, B., & Donahue, E. (1994). One personality, multiple selves: Integrating personality and social roles. *Journal of Personality*. Vol. 62,(2), 199-218.
- Roland, A. (2001). Another voice and position: Psychoanalysis across civilizations. *Culture & Psychology*. Vol. 7(3), 311-321.
- Rosa, C., Duarte, F., & Gonçalves, M. (2008). Self and Dialogical Articulation of Multivocality: Proposal of an analysis. In S. Salvatore, J. Valsiner, S. Strout, & J. Clegg (Eds.), *YIS: Yearbook of Idiographic Science 2008-Volume 1* (pp. 1-23). Rome: Firera Publishing Group.
- Rosa, C. & Gonçalves, M. (2008). Dialogical Self and Close Relationships: Looking for Ambivalences. *Studia Psychologica*. ROK VI, 8, 87-106.
- Shotter, J. (1999). 'Life inside dialogically structured mentalities: Bakhtin's and Volshinov's account of our mental activities as out in the world between us'. In J. Rowan & M. Cooper (Eds.), *The Plural Self: Multiplicity in Everyday Life* (pp. 71-92). London: Sage.
- Siegler, R., & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychology*, 46, 606-620.
- Tenenbaum, S. (2000). *Viver bem a vida de casal, afetividade psicologia comunicação*. Porto, Ambar.
- Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory & Psychology*, Vol. 12(2), 251-265.
- Valsiner, J., (2004, Julho). *The promoter sign: Developmental transformation within the structure of dialogical self*. Comunicação apresentada no Simpósio Developmental aspects of the dialogical self, Gent, Bélgica.
- Valsiner, J. (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, 23, 197-206.
- Valsiner, J. (2006). *Culture in minds and societies: Foundations of Cultural Psychology*. Worcester, New Delhi.
- Van Halen, C. & Janssen, J. (2004). The usage of space in dialogical self-construction: From Dante to Cyberspace. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, Vol. 4(4), 389-405.
- Verhofstadt-Denève, L. (2003). The psychodramatical "social atom method": Dialogical self in dialectical action. *Journal of Constructivist Psychology*, Vol. 16(2), 183-212.
- Watzlawick, P., Bavelas, J. & Jackson, D. (1967). *Pragmatics of human communication: A study of interactional patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: Norton.

An Empirical Look to Dialogical Self: A Study about Close Relationships

According to the Dialogical Self Theory, the self is composed by a community of I-positions that give voice to different perspectives which cooperate in order to co-construct and continuously update the meaning of life and identity. Conjugality is a central dimension in the relational world and identity of every human being. The couple works as a micro-society, dealing with several and diverse expectations, constraints and demands. The management abilities developed within this domain of human experience became evident in the proactive role performed by the Relational I-position in the internal dynamics of the self-system. In order to empirically explore the dialogical self-system organization we have developed an interview that allows us to access the I-positions repertoire (Dialogical Articulation Task, DAT) and we analyzed the intrapersonal dynamics in three different moments of the couple's life cycle.

KEY-WORDS: dialogical self; intrapersonal dynamics; couple's life cycle; semiotic mediation

Un Regard Empirique sur l'Identité Dialogique: Une Étude sur la Conjugalité

Suivant la théorie dialogique, l'identité est constituée d'une communauté de positions (*I-positions*) qui « donnent la voix » à des perspectives distinctes et collaborent dans la co-construction de la signification de chaque vécu et dans la permanente actualisation du sens de l'identité. La conjugalité est une dimension centrale du monde relationnel et de l'identité de l'être humain. Le couple fonctionne comme une microsociété, qui affronte un ensemble diversifié d'expectatives, de contraintes et d'exigences. Les compétences de gestion développées dans ce domaine du vécu humain sont mises en évidence dans le rôle proactif joué par la position d'identité (*I-position*) Conjugale dans les dynamiques du système identitaire. Pour approfondir empiriquement les stratégies d'organisation de l'identité dialogique, nous avons élaboré une étude qui permet d'accéder au répertoire de positions de l'identité (Tâche d'Articulation Dialogique, TAD) et nous avons analysé les stratégies intrapersonnelles, au cours de trois moments du cycle de la vie conjugale.

MOTS-CLÉS: identité dialogique; dynamiques intrapersonnelles; cycle de la vie conjugale, médiation sémiotique.